

Os desafios de um concurso de projetos audiovisuais universitários

Prof. Dr. Julio Wainer (PUC SP)

O terceiro ano do Projeto Curtas Universitários, promovido pelo canal Futura a partir de proposta da Associação Brasileira das TVs Universitárias, a ABTU, com apoio da Globo Universidade, encerrou o processo seletivo em conferência no dia 27 de maio de 2015 a partir da avaliação prévia de seis avaliadores (dois de cada parceiro promotor da iniciativa). O processo de escolha, do qual fizemos parte, nos permite reflexões que poderão ser úteis a avaliadores, aos organizadores de concursos semelhantes e também aos futuros concorrentes.

O concurso seleciona “propostas de produção apresentadas por estudantes universitários que estejam cursando Comunicação Social, Cinema, Audiovisual, Artes e Design ou qualquer outro curso que envolva a formação para a produção audiovisual”¹. O edital pede, por sua vez, entre outros itens de inscrição, “carta de recomendação de professor-orientador de TCC”², sugerindo que os trabalhos tenham relação com a conclusão do curso. Na prática, têm sido aceitas inscrições de concorrentes de outros anos; ou seja, para concorrer não é necessário que o participante esteja concluindo sua formação. Além desse fator, também são bem-vindos estudantes de outros cursos ou ainda de escolas técnicas voltadas ao audiovisual.

Todo concorrente deve elaborar sua proposta em até vinte linhas descrevendo com clareza as “escolhas de abordagem conceitual e estética do realizador”³. Junto com isso deve constar um breve currículo e demais informações a respeito do trabalho que pretende realizar.

Os vencedores terão direito a um valor em dinheiro (R\$ 6.000,00 menos impostos), do qual não precisarão prestar contas no final do projeto. Também está prevista a participação em encontro de formação no Rio de Janeiro, onde terão contato com vencedores de outros concursos, visitarão as instalações da TV Globo e assistirão a aulas-máster com profissionais da TV Globo. Os documentários, de treze minutos, devem ser exibidos no canal Futura e publicados em seu site e no site das emissoras universitárias da ABTU com acesso à RITU, rede de intercâmbio das TVs Universitárias.

Apesar de os objetivos do programa não serem discutidos como tal entre os

participantes, podem ser considerados, de forma geral, como fomento à produção audiovisual universitária. De forma específica, o projeto pretende oferecer-se como incentivo aos seguintes pontos: alavancagem de carreiras no audiovisual; estímulo a novas narrativas, seja na forma de contá-las, seja no recorte temático; estímulo de olhares inovadores sobre a realidade; provisão aos parceiros com bons programas de TV a um custo razoavelmente baixo; contribuição para a formação de critérios de qualidade de projeto e de produtos audiovisuais no âmbito universitário; estímulo ao audiovisual entre jovens de todas as regiões do país e nas diversas realidades urbanas (regiões centrais, periféricas, rurais, pequenas e médias cidades).

Em que medida o Projeto Curtas Universitários caminha em atenção a esses objetivos poderá ser melhor avaliado no decorrer de alguns anos. Este texto pretende aprofundar alguns desses objetivos, e que tipo de questionamento suscitam na equipe organizadora.

Os jurados recebem todas as propostas, cuja extensão pouco excede a uma página. No prazo de até duas semanas, leem todos os projetos e apontam suas preferências. Os mais votados seguem para uma “peneira” final, que acontece na forma de teleconferência. Obtém-se, nesse momento de encontro e discussão entre as três partes organizadoras, uma amostra da riqueza e potencial do Projeto, bem como dos impasses.

É na teleconferência que um determinado jurado pode ressaltar a importância de uma proposta ou, inversamente, alertar sobre o problema de origem numa delas. Portanto, não se trata da soma simples dos mais votados: a teleconferência é um momento em que o coletivo organizador do Projeto se reúne para, em última instância, validar todo o processo.

O grau de subjetividade na avaliação das propostas é bastante alto. Das 102 propostas concorrentes desta terceira edição, somente 2 projetos tiveram unanimidade na aprovação, e 4 foram aprovados levando cinco votos; 14 ganharam quatro votos; 13 receberam três votos; 21 tiveram dois votos; 26 tiveram um voto e 22 não receberam votos. Depois de passarem por nossa “peneira”, seguiram no

processo de seleção apenas as propostas que obtiveram entre cinco e três votos; ou seja, um universo de 31 projetos para a realização de filmes, aproximadamente 30% do total dos concorrentes inscritos, permaneceram como objeto para discussão dos avaliadores. A conferência, ainda que breve, aponta para questões maiores e mais amplas, que merecem atenção dos profissionais envolvidos nesse tipo de seleção.

A autonomia dada aos projetos vencedores é bastante grande. A Globo/Futura disponibiliza um profissional para apoio a cada vencedor, e eles se comunicam por email para discutir questões de roteiro, de pré-edição ou eventuais impasses. Nesse período de conversa, são feitos comentários, alertas, sugestões de caminhos sobre o programa em fases intermediárias à finalização. Para o bom resultado da orientação dos projetos vencedores, o profissional de apoio deve estar em sintonia com o trabalho dos alunos, suas prioridades e seus critérios, além de observar seu estágio de desenvolvimento. Esse profissional auxilia para que o desenvolvimento do trabalho atinja os próprios objetivos e escolhas dos participantes do concurso (e não aqueles do corpo profissional ao seu entorno), e tem adesão voluntária dos realizadores. Então, pode-se afirmar que as decisões, das mais abrangentes às mais específicas, serão sempre do realizador, respeitando-se a sua liberdade e autodeterminação. É importante lembrar que o realizador também presta contas a um orientador e à instituição de ensino de origem a respeito do produto audiovisual resultante.

De forma geral, a participação do orientador no projeto é algo que ainda precisa ser melhor discutido pela equipe do Curtas Universitários e as instituições de ensino superior. Permanecem, dentre outras, as seguintes questões: Que diálogos são possíveis entre o orientador e o projeto Curtas Universitários? De que maneira o diálogo com o orientador e com o profissional de apoio disponibilizado pelo Projeto pode ser melhor aproveitado pelo realizador em seu trabalho? Os projetos finais não seguem as mesmas regras (a restrição de 13 minutos vale para o Futura mas não se aplica aos trabalhos escolares, por exemplo) e portanto tanto o foco e o andamento da obra são

1 Disponível em: <<http://www.futura.org.br/saladenoticias/curtas-universitarios/>>. Acesso em: em 30/11/2015.

2 Edital especial para estudantes 2015 – Projeto Curtas Universitários

3 Ibidem.

únicos para cada projeto, embora seja fundamental a qualidade de orientação e apoio ao jovem realizador.

Uma questão central que ressurge a cada nova edição do projeto Curtas Universitários diz respeito aos recursos de escolha dos projetos para premiação. Hoje o principal recurso é a apreciação de um texto propositivo. Alguns candidatos, não seguindo essa premissa, arriscam-se a mandar links de trabalhos finalizados anteriormente, mas estes não são apreciados pelos jurados; a própria razão de ser do concurso privilegia novos talentos e pessoas sem experiência prévia. Mas, de qualquer modo, fica a dúvida: o que é mais eficaz? Dar a primeira chance a um aluno e dirigi-lo, talvez em definitivo, à carreira audiovisual, ou escolher aqueles que já possuem uma trajetória inicial, e que por isso têm condições de apresentar um produto melhor acabado?

Diferenciação de projetos

Os textos dos projetos enviados ao concurso, é consenso, devem revelar uma pesquisa adiantada no assunto a ser tratado. Pois uma coisa é uma intenção do autor, que ainda permanece genérica, e outra são nomes e lugares já rastreados e contatados à espera da produção audiovisual. Sabe-se o quanto as boas intenções ficam pelo caminho por falta de personagens ou se situações adequadas, ou seja, pela dificuldade de concretude das ideias iniciais. Por outro lado, sabemos também que os contatos não ficam à espera de uma possível premiação, e que às vezes os trabalhos se iniciam antes do resultado do concurso, e isso deve ser considerado de maneira normal.

Origem das propostas: questões de centralidade e de periferia

Não se prioriza, em um primeiro momento, a origem da proposta. Elas vêm de todas as regiões e de realidades diversas, sinalizando uma ótima capilaridade do projeto Curtas Universitários. E esse ponto merece uma discussão interessante: como evitar a centralidade do eixo Rio-São Paulo? As boas propostas que partem de lugares distantes do eixo são festejadas pela equipe. Mas não existiria aí certo grau de paternalismo? Por exemplo, ao premiarmos um projeto sobre o funk em um estado afastado do eixo Rio-São Paulo, não estaríamos lançando nossos olhares cosmopolitas interessados na manifestação local de expressões centrais, praticando quase que um “turismo” audiovisual? Será que não estaríamos simplesmente dando espaço à nossa curiosidade pelo sotaque local, mais do que valorizando conteúdos efetivamente locais? Aliás, o que seria um conteúdo local, ou ao menos genuíno? Essa identificação não é fácil, e merece um debruçar-se atento e despojado sobre ela. Os conteúdos locais tendem a causar

uma estranheza, às vezes até mesmo uma rejeição prévia, por aqueles que não participam daquela realidade.

Eis alguns exemplos concretos desse ângulo delicado a ser encarado e levado em consideração pela banca avaliadora: um projeto se propunha a explorar as “rosas” pelos mais diferentes aspectos, e não chamou a atenção de meus colegas avaliadores. A mim o trabalho parecia interessante, pelas possibilidades de invenção e pelo fato de a locação da obra se tratar da cidade de Hortolândia, a cidade-referência dessa flor. Em outro caso, havia uma proposta de resgate histórico da origem do uso das baquetas no batoque. Ora, o assunto não aborda meu universo pessoal de valores ou de circulação cotidiana. No entanto, tal proposta chegou de Salvador, local com autoridade de sobra para lançar esse tipo de investigação.

De Santa Catarina, por sua vez, surgiu a proposta de um resgate histórico sobre a ambiguidade da identidade alemã durante a Segunda Guerra; um assunto que certamente provoca incômodo a quem mora na região. Contudo, não se espera que do mesmo estado saia um ponto de vista privilegiado para discutir a independência da Catalunha, hoje pertencente à Espanha, que propunha um dos projetos.

Ainda que a origem das propostas não fosse critério inicial para sua aceitação, um olhar atento poderia revelar situações interessantes. Esse foi o caso de uma aluna que propunha uma visão sobre determinado aspecto da cultura popular no Rio de Janeiro, as vestimentas. Ocorre que a aluna é negra, e bolsista de uma faculdade de elite. Ora, o contexto em que está inserida a concorrente desse projeto pode lançar um olhar rico e diferenciado sobre a questão. Outro candidato propôs fazer trabalho sobre o rio Paraíba; aliás essa foi a única proposta desse importante eixo temático (águas). Contribuí para o entusiasmo dos examinadores perante tal projeto o fato de o aluno proponente ser do curso de direito, sugerindo um pensamento jurídico sobre a disputa das águas aplicado no audiovisual.

Engajamento versus investigação versus experimentação

Com frequência há projetos com tomada de posição vigorosa desde a formulação, o que se costuma nomear de vídeos engajados (em causas políticas, sociais, ambientais, de direito individual ou de interesse coletivo). Essas propostas têm sido vistas com muito cuidado pelos avaliadores. Tem-se o receio, acertado a meu ver, de que se façam vídeos de caráter institucionais que têm como alvo uma causa específica, ou de que sejam na verdade objetos de uma encomenda, possivelmente de uma ONG ou projeto social. Vídeos que defendem uma causa são legítimos, e constituem boa parte da história e relevância do gênero docu-

mental. Mas no caso do Curtas Universitários, apoiar o vídeo engajado incorre em risco grande de abordagens déjà-vue, em que toda a energia do autor é canalizada para uma ideia já “vendida” nas premissas do trabalho, e assim há grande possibilidade de se desperdiçar a possibilidade da surpresa e da investigação; ou ao menos de um olhar mais complexo sobre o tema. Enfim, o engajamento no audiovisual requer experiência para que seu resultado não se torne panfletário ou simplesmente morno. Isso não se aplica a projetos que apresentem causas absolutamente originais, para as quais a sensibilidade contemporânea não está voltada. Para tais interesses é legítimo que se dê voz à exposição do problema e proposta de defesa. Nesse sentido, a atenção dos avaliadores tem que estar afiada para reconhecer algo novo, que pode não nos sensibilizar em um primeiro momento, mas que se trata de uma expressão legítima contemporânea, importante por parte da sociedade, uma questão enfim que ainda apenas desponta no horizonte. O tema “pets” por exemplo, se encaixa nessa situação – imprescindível para alguns, irrelevante para outros, dependendo da sensibilidade que se tem para com o tema. No passado, questões de gênero e da homoafetividade já foram consideradas secundárias, e hoje ocupam espaço amplo de discussões.

Falas e outras expressões audiovisuais

Diversas propostas são preteridas por trazerem uma aparente abordagem unicamente verbal ao tema de interesse. Propostas que se resolvem apenas com entrevistas não consideram a questão da imagem e de sua polivalência, da riqueza de uma situação, do imponderável, da ambiguidade, dos valores cinematográficos enfim. Dessa maneira, muitas propostas procuram “mostrar serviço” indicando uma série de entrevistados possíveis, mas que no fundo caem em descrédito por priorizar demais as falas em detrimento de outras formas de expressão.

Assim, uma proposta interessante apontava investigação a respeito de dois personagens e ainda prometia mais três outros (para um vídeo de 13 minutos!). Mesmo superdimensionado, consideramos a ideia central válida e que teria a oportunidade de revisão no momento da conversa do autor do projeto com a equipe de apoio. Já outra proposta despertou a atenção por prometer documentar a formação da segunda edição de uma revista de história em quadrinhos. O que ficou em nossa imaginação, enquanto avaliadores, é de que a própria linguagem dos quadrinhos poderia ser incorporada na narrativa. Mas essa ideia não estava na proposta apresentada, que registrava uma preferência por formas convencionais de documentário e de jornalismo, e entendemos que não nos cabia alterar em tal

proporção a proposta inicial. Então a proposta caiu por falta de uma abordagem original, apesar do interesse pelo tema.

Papel da formação superior

Há uma temática essencialmente universitária, mas que acaba por envolver os parceiros em intensidade que tende a crescer. Trata-se da possibilidade de incluir, no projeto, referenciais teóricos relevantes. Por enquanto, admito que apenas nos iniciamos nessa seara, professores e alunos, e com grandes possibilidades de equívocos. Alguns projetos referiam-se a Eduardo Coutinho como mostra de erudição, mas seu desenvolvimento não acompanhava a sofisticação e trajetória daquele autor (e nem é o que se espera em um trabalho de iniciantes). Outro falava em “uso de cores quentes, como o

azul e o rosa”. Um equívoco comum, no entanto, é obrigar-se a um pré-enquadramento do trabalho segundo a (amplamente aceita) categorização proposta por Bill Nichols⁴. Ora, os modos do documentário podem ser ferramentas úteis de análise, mas jamais se constituem em recursos de criação. Dizer que se vai produzir um “documentário tipo expositivo” é uma declaração inócua, que confunde e nada ajuda a entender como de fato o autor irá enfrentar o tema escolhido à luz de uma abordagem audiovisual eficaz e criativa.

O projeto Curtas Universitários tem apresentado crescimento nas matrículas, que se iniciou com cinquenta, depois setenta e agora 102 projetos inscritos. Desperta o entusiasmo nos ambientes onde é comentado, dos profissionais da Rede Globo às escolas, dos pais e de cidadãos

que tomam conhecimento da iniciativa. Parece que de alguma maneira desperta em nós a chance que não tivemos na época da nossa formação universitária. Para além dos aprovados, que já remontam a sessenta produtores audiovisuais em início de carreira, há um benefício a todo o setor universitário, que discute critérios de originalidade e de pertinência nos projetos audiovisuais e lhes dá ampla liberdade de realização. Dessa forma, acreditamos que sua continuidade é a única garantia de seu permanente aperfeiçoamento diante das experiências e percepções renovadas a cada edição do concurso, ampliando cada vez mais seu espaço de atuação e estimulando o exercício da prática em realizadores iniciantes, possíveis futuros profissionais do audiovisual no país.

⁴ No livro *Introdução ao Documentário* Bill Nichols aponta seis “modos” do documentário: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo, performático.